

Queimadas monitoradas

OESP
27/1/99 p. 92

Existe alguma maneira de afirmar categoricamente se as queimadas estão aumentando ou diminuindo, com base em dados experimentais? A resposta é sim. Analisemos a seguir os dados disponíveis.

No Brasil, assim como em vários outros países tropicais, ocorrem anualmente muitas queimadas em campo aberto, principalmente nas épocas de estiagem. O clima das regiões de queimada facilita esta atividade. Esse tipo de destruição vegetal, além de jogar fora a energia que poderia ser usada industrialmente, por exemplo, numa caldeira, introduz na atmosfera uma série de gases que se podem tornar nocivos para a saúde quando a sua concentração for muito elevada.

O Brasil tem sido muito criticado por outros países por causa de um aparente excesso de queimadas e/ou desflorestamentos. E também internamente, no País, algumas sociedades de proteção ambiental e os promotores do meio ambiente estão cada vez mais interessadas no assunto, sem falar na comunidade acadêmica. Justifica-se assim o fato de o governo

ter prestado mais atenção a índices que quantificam as queimadas.

O mais recente grande incêndio florestal registrado amplamente na imprensa foi o de

Roraima, mas este foi totalmente atípico, numa região do Brasil onde normalmente os números de focos de queimadas são desprezíveis.

As regiões que mais produzem queimadas, regularmente, a cada estação seca, são as do Brasil Central, onde durante julho, agosto, setembro e outubro chove muito pouco. É a região do cerrado. Além disso, abrange ainda uma região de cerrado/floresta, conhecida pelo nome de "arco de desflorestamento", que é a região de transição cerrado/floresta nos Estados desde o Maranhão, sul do Pará, norte de Mato Grosso, Rondônia e Acre.

Essas queimadas incluem todos os tipos: queimadas de pequenos agricultores, que precisam limpar as áreas de plantio após a derrubada da mata, e queimadas acidentais, que decorrem da negligência e do pouco caso com outras queimadas, e que se propagam a longas distâncias, podendo invadir áreas de proteção ambiental, parques, etc. Há, ainda, as queimadas de resíduos de plan-

tações como, por exemplo, a palha da cana-de-açúcar.

Todos os tipos de queimadas produzem gases dos quais pelo menos dois são considerados tóxicos: o monóxido de carbono, que se desprende diretamente da queimada, e o ozônio, que se produz a seguir na atmosfera e são indesejáveis. Suas concentrações máximas aceitáveis no meio ambiente são reguladas por lei e determinações do órgão ambiental.

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) vem monitorando as queimadas no Brasil por meio de imagens de satélite. O instrumento conhecido como AVHRR é capaz de detectar focos de calor na superfície e, portanto, é capaz de fornecer o número de focos de queimadas na estação seca.

O Inpe obtém dados de satélite sobre queimadas desde 1991. No entanto, não é elementar a interpretação desses dados: deve-se tomar devidos cuidados, porque houve mudanças nos instrumentos e nos satélites, desde então, e nem todos os dados produzidos são totalmente comparáveis.

Tomando por base a época mais recente, dos últimos três anos, de 1996 a 1998, para os meses de agosto, setembro e outubro, o instrumento e o satélite NOAA 12

foram usados para obter dados e estes são perfeitamente comparáveis. Nesse período, constatamos que as queimadas aumentaram no Brasil, de modo geral, e também por regiões, como na Amazônia Legal. Assim, tanto no Brasil quanto na Amazônia Legal, o número de focos de queimadas detectados nos últimos três anos mostra tendência de aumento.

Qual seria, então, a previsão para este ano? Embora os dados mostrem uma tendência de aumento, deve-se levar em conta a expectativa econômica de 1999, que não é das melhores, com expectativas de diminuição do Produto Interno Bruto (PIB), e até de recessão.

Nessa situação, os empresários não gostam de investir. Pode ocorrer aí uma quebra da tendência de aumento, com números menores tanto para os desflorestamentos, como também para as queimadas.

Em anos de recessão, diminuem focos de incêndio por causa de menor investimento